

## A MENTE CORPORIFICADA: O INÍCIO DE UM PROGRAMA DE PESQUISA

*The Embodied mind: The beginning of a research program*

Leonardo Ferreira Almada<sup>1</sup>  
Luiz Otávio de Sousa Mesquita<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto é de natureza hermenêutica, e sua finalidade é a de sistematizar o estudo que empreendemos em relação às linhas gerais do projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991). Nosso objetivo é o de analisar as bases e o caminho a partir dos quais nossos autores buscaram redirecionar os rumos e mesmo os princípios mais centrais das ciências empíricas e fenomenológicas da mente. Buscaremos demonstrar que o projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991) foi exitoso em seu propósito de constituir um novo programa de pesquisa no interior das ciências cognitivas e das ciências da mente em geral. Buscaremos, por fim, discutir a concepção de cognição sobre a qual se sustentaram e o papel da fenomenologia nesse empreendimento.

**Palavras-chave:** Mente corporificada; Ciências Cognitivas; Enativismo.

**Abstract:** The present paper has a hermeneutical nature, and its purpose is to systematize the study that we undertake in relation to the general lines of the project of Varela, Thompson and Rosch (1991). Our general aim is to analyze the foundations and the way from which our authors sought to redirect the directions and even the most central principles of the empirical and phenomenological sciences of the mind. We will try to demonstrate that Varela, Thompson and Rosch's project was successful in its purpose of constituting a new research program within the cognitive sciences and the sciences of the mind in general. We will try, finally, to discuss the conception of cognition on which they were based and the role of phenomenology in their purpose.

**Key-words:** Embodied Mind; Cognitive Sciences; Enactivism.

### Considerações iniciais

No ano de 1991, Evan Thompson, Francisco Varela e Eleanor Rosch tornaram público um projeto teórico cujo mérito mais notável consiste em seu potencial para redirecionar os rumos das ciências da mente, e em especial os das ciências cognitivas. Referimo-nos a um projeto teórico o qual está originariamente materializado no seminal livro por eles publicado em 1991, a saber, *The embodiedmind: cognitive, scienceandhumanexperience*<sup>3</sup>. *Grasso modo*, esse projeto pode ser definido como uma tentativa de desenvolver uma perspectiva até então inédita sobre: (i) a natureza e a origem da cognição, sobre (ii) o papel

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UFU.

<sup>2</sup>Estudante interno do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da UFU. Esse trabalho corresponde à pesquisa que desenvolveu (março de 2016 a fevereiro de 2017) em Iniciação Científica (FAPEMIG/UFU).

<sup>3</sup>*Embodied* é usualmente traduzido como encarnado e incorporado. Por acharmos que essas duas possíveis traduções possuem uma carga semântica acentuadamente religiosa, optamos pelo uso do termo corporificado.

desempenhado pela corporeidade na constituição e estruturação da mente e da cognição, sobre (iii) as relações entre cognição, mente, cérebro, corpo e ambiente, sobre (iv) as relações entre as dimensões observáveis e mensuráveis da mente e suas dimensões experienciais ou fenomenológicas, sobre (v) a possibilidade de unir — em um mesmo quadro teórico — as ciências cognitivas, a fenomenologia e as tradições budistas, e, dentre outras finalidades, (vi) a possibilidade de constituir um modelo que açambarque, a um só tempo, as ciências experimentais da mente e a experiência vivida humana.

Do ponto de vista das nossas finalidades, o presente texto é de natureza hermenêutica; mais precisamente, sua finalidade consiste em sistematizar, sob a forma de um *paper*, o estudo que empreendemos em relação às linhas gerais do projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991). Nosso objetivo é, portanto, filosoficamente modesto. Ainda assim, é bastante relevante, já que aspira a divulgar um projeto filosófico que traz consigo um potencial imenso — e ainda muito ignorado — para redirecionar os rumos e mesmo os princípios mais centrais das ciências empíricas e fenomenológicas da mente. Acreditamos na relevância de demonstrar a capacidade que o projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991) teve de constituir um novo programa de pesquisa no interior das ciências cognitivas e das ciências da mente em geral.

Cumpre-nos, então, lidar com a seguinte questão: Qual é o mais significativo propósito do projeto teórico de Varela, Thompson e Rosch (1991)? No atual momento de nossos estudos, julgamos que talvez seja a capacidade que esse projeto teve de elaborar um modelo teórico que — a partir de um rigoroso e criativo diálogo entre a fenomenologia, as ciências cognitivas e a tradição budista — aspira a abarcar duas dimensões da vida mental que são usualmente consideradas como incompatíveis pelas ciências cognitivas tradicionais: de um lado, a dimensão própria das ciências cognitivas e das ciências da mente em geral, a qual se refere (i) às atividades observáveis e mensuráveis da mente, graças aos quais as ciências da mente conseguem correlacionar estados mentais a estados neurais e a comportamentos; de outro lado, a dimensão que tende a ser negligenciada ou rejeita pelas ciências cognitivas e pelas ciências da mente em geral, a que se refere (ii) à experiência direta, imediata e intuitiva dos mesmos estados mentais citados em (i), isto é, ao modo como esses mesmos observáveis e mensuráveis estados mentais são vivenciados internamente. Consideramos, portanto, que o mais significativo propósito do empreendimento de Varela, Thompson e Rosch (1991) foi o de conciliar, em um mesmo quadro teórico e prático, (i) os aspectos objetivos e mensuráveis de nossos estados mentais, e (ii) o acesso completamente pessoal que temos a esses estados, no interior do qual só podem ser pensados como observáveis tendo por referência o próprio sujeito que os porta.

Acreditamos que *The embodiedmind* é uma obra que, há mais de 30 anos — considerando que começou a ser escrita em 1986 — tem desafiado e permanecerá desafiando algumas das bases mais consolidadas das ciências da mente em geral. É verdade, por outro lado, que grande parte das discussões filosóficas e científicas sobre mente e cognição ainda passem ao largo das pressuposições, compreensões e princípios mais promissores das abordagens corporificadas de mente e cognição. Acreditamos que esse fato gera prejuízos significativos para as discussões filosóficas e científicas sobre a mente. Nossa crença se deve à nossa convicção de que *The embodiedmind* consiste em um dos mais bem-sucedidos empreendimentos filosóficos dentre as áreas de conhecimento científicas e filosóficas que integram as chamadas *ciências cognitivas* e/ou *neurociências*. Acreditamos, ademais, que a obra de Varela, Thompson e Rosch (1991) desafia algumas das mais arraigadas e equivocadas convicções sustentadas por filósofos — mormente fenomenólogos e filósofos da mente — e por psicólogos das orientações teóricas mais tradicionais da psicologia — desde a psicanálise até a neuropsicologia.

Em nossa concepção, a mais gritante novidade trazida por *The embodiedmind* consiste no empreendimento de um ‘trânsito’ — em nível prático e teórico — entre as

ciências da mente e a dimensão mental que os autores intitulam de ‘experiência humana’, a qual consiste em nossa vivência direta, pessoal e imediata de nossos próprios estados mentais, instanciada ou por meio de nossa experiência, ou de nossos pensamentos e/ou de nossos sentidos. O trânsito entre as ciências cognitivas e a experiência humana se expressa sobremaneira na tentativa de uma aproximação recíproca e bilateral entre os dois supostos modos de ‘conhecimento’ da natureza e da estrutura da mente, a saber: (i) o conhecimento mediato da natureza e estrutura da mente, do tipo experimental e/ou matemático, e (ii) seu conhecimento imediato, do tipo direto, intuitivo e fenomenal. O surpreendente ineditismo do ponto de partida da proposta de Varela, Thompson e Rosch (1991) não se deve apenas ao esforço empreendido para aproximar esses dois modos de conhecimento da mente. Antes, deve-se também à estratégia mediante a qual propõem esta aproximação: (i) via uma abordagem fenomenológica — particularmente a de Merleau-Ponty (2002 [1945]) — e (ii) sob a inspiração de alguns dos mais relevantes princípios da psicologia budista (*Abhidharma*) acerca das relações entre a mente e o corpo.

A intenção de transitar entre as ciências experimentais do sistema nervoso/da mente e a experiência humana é, portanto, a de reunir, sob os ‘tentáculos’ de um mesmo modelo teórico, o que Dorothée Legrand (2011) — filósofa igualmente influenciada pela fenomenologia de Merleau-Ponty (2002 [1945]) — chama de os dois modos de ‘doação’ (*giveness*) da consciência, a saber: (i) o modo intencional de doação da consciência, pelo qual o sujeito é consciente de objetos intencionais — incluindo estados corporais —, isto é, pelo qual é consciente dos conteúdos sobre os quais a consciência se detém, e (ii) o modo subjetivo de doação da consciência, pela qual o sujeito é consciente desses mesmos objetos ou conteúdos intencionais enquanto experienciados pelo próprio sujeito. Com efeito, esses dois modos de ‘doação’ da consciência equivalem, respectivamente, aos dois supracitados modos de ‘conhecimento’ da natureza e da estrutura da mente: (i) o modo intencional de doação da consciência — o ato por meio do qual a consciência se dirige para fora de si mesma — é a dimensão da vida mental que se presta a um conhecimento empírico e/ou a modelos computacionais/matemáticos; (ii) o modo subjetivo de doação da consciência — o ato por meio do qual nos experienciamos a nós mesmos a partir de uma perspectiva de primeira pessoa — é a dimensão da vida mental que não se presta a um conhecimento empírico, matemático ou computacional, estando acessível somente a partir da experiência interna de si, via um acesso direto, sem mediação e intuitivo.

A possibilidade (i) de transitar entre as ciências experimentais do sistema nervoso/da mente e a experiência humana e (ii) de abarcar as duas dimensões da vida mental no interior de um mesmo modelo teórico foi formalizada por Varela, Thompson e Rosch (1991) da seguinte forma: por um lado, cumpre que (i) as ciências da mente ampliem seus horizontes de modo a incluir a experiência humana vivida, considerando e incluindo, para tanto, a possibilidade de transformação pessoal que inere a algumas das formas de experiência de si; por outro lado, cumpre que (ii) as diversas formas de experiências humanas cotidianas e ordinárias se beneficiem dos conhecimentos, análises e intuições fornecidas pelas ciências experimentais da mente. Da aproximação entre as ciências experimentais do sistema nervoso/da mente e a experiência humana decorre, por um lado, a ampliação dos horizontes das ciências experimentais da mente, e, de outro lado, o aprimoramento das possibilidades de transformação pessoal (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xv).

Está claro, portanto, que o objetivo originário da obra consiste em demonstrar os benefícios e as vantagens filosóficas e existenciais de equacionar o problema das relações mente-corpo a partir de um paradigma capaz de incorporar essas duas dimensões que, segundo querem mostrar, são apenas aparentemente incompatíveis (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991).

Acreditamos que um dos mais relevantes corolários do empreendimento de nossos autores é o de explicitar os meios de superar as limitações das ciências experimentais em abarcar nossas experiências conscientes, ou seja, nossas vivências subjetivas. Para esse propósito, muito contribuiu o diagnóstico de que os métodos e as intenções das (neuro)ciências cognitivas não as capacita para tal empreendimento. Com efeito, por conta de seus métodos e de suas intenções, as (neuro)ciências cognitivas oferecem, em geral, hipóteses sobre o comportamento dos agentes inteligentes reduzidas ou meramente reportáveis ao processamento físico de informação; não raro, sustentam que o comportamento humano se reduz ou é totalmente reportável à instância física desses processamentos de informação por meio de mecanismos biológicos e quantitativamente mensuráveis. Eis, portanto, uma das mais importantes consequências do projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991): o reconhecimento de que as abordagens que tratam o modo de funcionamento da mente em termos de computação formal e/ou de mecanismos neurais tendem a negligenciar uma de suas características mais essenciais, no caso, sua dimensão propriamente experiencial e qualitativa, isto é, sua dimensão fenomenológica (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xvi).

A introdução da experiência de primeira pessoa no interior das ciências cognitivas é sem dúvida uma das mais importantes novidades da perspectiva enativista<sup>4</sup>. Mais do que isso: uma das novidades do modelo de Varela, Thompson e Rosch (1991) é a demonstração da possibilidade de uma ciência cognitiva capaz de congrega, sem prejuízos, as bases neurais de nossos estados mentais, isto é, seus aspectos funcionais e redutíveis, e sua dimensão propriamente fenomenológica. Tal demonstração implica: por um lado, (i) pensar as condições por meio das quais as ciências cognitivas possam vir a ter algo a dizer sobre o que significa ser um humano em situações reais, ordinárias e, portanto, cotidianas; por outro lado, (ii) pensar as condições por meio das quais as tradições de pensamento dedicadas à análise, à compreensão e aos meios de transformação da mente possam não apenas (ii.a) se beneficiar das ciências experimentais da mente, mas também (ii.b) ser equacionadas a partir de uma perspectiva que permita a aproximação recíproca e bilateral entre ciências da mente e experiência humana (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xv).

A possibilidade de compreender o trânsito entre as ciências experimentais da mente e a experiência humana envolve a compreensão do eixo fundamental sobre o qual decorre esse trânsito, a saber: a corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência. Em acordo com Merleau-Ponty (2002 [1945]) e com Varela, Thompson e

---

<sup>4</sup> Perspectiva enativista é a abordagem própria do enativismo, termo que designa o modelo particular de ciência cognitiva elaborado por Varela, Thompson e Rosch (1991). Em ciências cognitivas, o enativismo é a concepção segundo a qual a cognição resulta de processos dinâmicos de interação e integração entre um organismo agente e seu ambiente, e segundo o qual *nosso* ambiente é seletivamente criado a partir de nossas formas de interações ativas e transformacionais no mundo, por meio das quais imprimimos significado ao mundo. Enativismo é uma expressão que vem de 'enação', e se refere à maneira pela qual um sujeito coaduna suas ações com as demandas situacionais. Em última instância, a perspectiva enativista constitui uma abordagem alternativa em relação à tese clássica de teoria do conhecimento (e, portanto, das ciências cognitivas) de que conhecer consiste em representar um mundo pré-dado por uma mente também pré-dada em sua estrutura e em suas funções. Em relação a essa abordagem clássica, o enativismo introduz a ideia consoante a qual o conhecimento decorre de uma variedade de performances instanciadas por um ser-no-mundo, cujas experiências do mundo decorrem das interações entre suas capacidades sensoriais e *seu* ambiente. Alternativamente em relação ao dualismo clássico, ao computacionalismo e a algumas das variadas formas de cognitivismo, o enativismo deixa de lado o privilégio em relação às explicações representacionistas para a cognição, introduzindo a tese de que o conhecimento se constitui a partir das interações sensorio-motoras do sujeito e seu ambiente, em um processo de co-construção significativa com os outros seres.

Rosch (1991), e em desacordo com a negligência história das ciências cognitivas em relação a esse quesito, acreditamos que a corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência implica uma compreensão do corpo tanto como (i) estrutura experiencial de vivências quanto como (ii) o espaço dos mecanismos cognitivos, o que é mais que uma intermediação com a cognição (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xv-xvi).

Em princípio, poderia parecer escusado associar essas compreensões do corpo e de um duplo sentido de corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência (i) às duas formas de abordar a mente (ciências cognitivas e experiência humana), (ii) às duas formas de acessar a vida mental humana (a passível de conhecimento mediato e a passível de conhecimento imediato), e (iii) aos dois supostos modos de estruturação da mente (intencional e subjetiva). Essa impressão não é correta, no entanto: dado que parte importante dos filósofos e cientistas contemporâneos da mente ainda compartilhem dos equívocos inerentes a um paradigma dualista, que ora separa mente de corpo ora separa cérebro do restante do corpo, é imprescindível que lidemos com a seguinte indagação: será que nossa adesão ao projeto enativista como forma de escape de dualismo corre o risco de incorrer em fracasso?

Essa impressão deve ser implícita ou explicitamente trabalhada, a fim de não confundirmos o recurso a uma estrutura de vocabulário dual com uma posição dualista. Precisaremos, explícita ou implicitamente, descartar qualquer relação entre a noção de 'duplo sentido de corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência' e uma perspectiva dualista. Com efeito, nosso estudo se desenvolve com base nas seguintes pressuposições: (i) o vocabulário dicotomizante acima não implica que estejamos lidando com contrários; (ii) um vocabulário baseado em dicotomias não é *per se* a corroboração de uma posição dualista, mas um dos modos usuais de estruturação da linguagem ocidental; trata-se, aqui, do recurso de discriminação de aspectos a partir da demarcação e cisão de dois lados contrastantes, ainda que não necessariamente opostos; por fim, (iii) o recurso as dualidades talvez seja um ponto de partida para a elaboração de um modelo em ciências cognitivas que não estenda dualidades linguísticas a um equivocado dualismo mente-corpo. Acreditamos que, ainda que de maneira indireta, a defesa da perspectiva enativista de Varela, Thompson e Rosch (1991) deve lidar com essa questão, acreditamos, a partir da demarcação do sentido de cognição enativista e a partir da exposição do modo como a fenomenologia pode introduzir um renovado modelo de ciências cognitivas.

Por tudo que expusemos em nossa introdução, parece-nos que o mapeamento e subsequente compreensão dos alcances e finalidades do projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991) implica, em primeiro lugar, o delineamento do sentido de cognição sobre o qual se assentam para subsidiar o projeto de uma ciência cognitiva corporificada; implica, ao mesmo tempo, e ulteriormente, a compreensão do papel exercido por uma perspectiva fenomenológica na proposta de uma ciência cognitiva capaz de abarcar a experiência humana e as possibilidades de transformação pessoal que decorrem da experiência aprimorada de si mesmo, a exemplo do que enfatizam as tradições budistas e as meditativas. É com base nessa compreensão que estruturamos o *paper* que agora apresentamos ao leitor.

## Cognição

Um dos mais relevantes e portentosos pontos de partida do projeto enativista é a sua reformulação da clássica concepção de cognição. O estabelecimento dessa nova compreensão de cognição constitui um dos mais notáveis pontos de partida conceituais do projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991) sobretudo porque implica uma nova e prolífica visão de uma série de clássicos problemas filosóficos: incluem-se aí, entre esses problemas, a natureza e a estrutura da cognição, o problema da percepção, a relação

homem-mundo, o clássico e sempre reinventado problema das relações mente-corpo, e até mesmo a natureza da ação e suas relações com a cognição.

Entendemos que, embora a expressão *cognição* remonte ao século XV, sua incorporação efetiva nos meios filosóficos remete ao momento em que, sob a influência da psicologia cognitiva, das neurociências e da computação, as ciências cognitivas, já na segunda metade do século XX, conheceram seu auge de popularidade.

Compartilhamos da crença de que *cognição* é uma noção filosófica que açambarca os processos mentais que mais fidedignamente expressam a noção de mente. Mais do que isso, cognição é uma noção a qual congrega os processos mentais que, em princípio, podem ser apreendidos no interior de modelos matemáticos e/ou computacionais, e que melhor podem ser observados e/ou sondados empiricamente; em resumo, cognição é uma noção que congrega os processos mentais que mais facilmente podem ser investigados de maneira semelhante ou afim em relação aos objetos das ciências naturais (BRANDIMONTE; BRUNO; COLLINA, 2006, p. 12). Da possibilidade que se tem de investigar empiricamente os processos cognitivos, advém um dos mais relevantes motivos para a popularização da expressão cognição nos meios filosóficos: a expressão cognição tende a se referir aos processos mentais (cognitivos) que melhor materializam ou exemplificam o que usualmente se entende por mente e/ou processos mentais. Em tempos marcados pela crescente confiança no êxito da pesquisa empírica, tal fato tem sido importante para levar discussões sobre processos mentais para diferentes nichos científicos.

Com efeito, a expressão cognição se refere ao conjunto de processos mentais por meio dos quais adquirimos conhecimento e/ou entendimento através do pensamento, experiências e sentido. Dito de outra maneira: a noção de cognição faz referência aos processos por meio dos quais as informações, internas ou externas, são transformadas, reduzidas, elaboradas, armazenadas e usadas por seu 'portador' (NEISSER, 1967). Tais processos incluem várias formas de conhecer ou de aplicar conhecimentos adquiridos em resposta a demandas ambientais, a exemplo dos seguintes: memória, atenção, juízo, avaliação, raciocínios, tomada de decisão, compreensão, e, dentre tantas outras habilidades mentais, a produção das mais diversas formas de linguagem.

A história da teoria do conhecimento — que em milênios antecede a história das contemporâneas ciências cognitivas — é marcada pela tese de que a cognição é um tipo especial de processo, a saber: um processo mental. Essa compreensão está associada com uma visão de cognição que consideramos incompleta e equivocada pela forte associação com uma perspectiva mentalista e, portanto, representacionalista de cognição. A ideia de cognição como processo mental facilmente induz uma abordagem representacionalista da cognição, e mais especificamente à compreensão de que a cognição envolve, *grosso modo*, a geração, o uso e a manipulação de representações internas: com efeito, com exceção das abordagens ecológicas e corporificadas, as teorias da cognição se caracterizam pela maior ou menor fidelidade à tese mentalista básica segundo a qual a cognição consiste na formação mental de representações internas (BRANDIMONTE; BRUNO; COLLINA, 2006, p. 11). É verdade que, entre as ciências cognitivas, não tem havido consenso quanto ao papel da representação na cognição, e tampouco se há algum papel para representações internas na cognição.

No interior do reducionismo que permeia parte importante das contemporâneas ciências da mente, as ciências cognitivas que ainda sustentam alguma forma de representacionalismo acabam variando entre abordagens que reduzem a cognição às circuitarias neurais responsáveis ou por funções cognitivas, ou por recuperação de informações cognitivas, ou ainda por realização de atividades cognitivas procedimentais (BRANDIMONTE; BRUNO; COLLINA, 2006, p. 9-10). Mais do que revezar entre uma ou outra forma de abordagem redutiva, as orientações majoritárias em ciências cognitivas são classicamente marcadas pela propensão a delimitar os tipos de dados e os modos de

processamento desses dados que devem ser considerados relevantes para cognição. Da associação entre o representacionalismo e o reducionismo, resulta a tendência da maior parte dos representantes das ciências cognitivas de enfatizarem o papel dos cérebros, dos comportamentos, e dos processos neurais e psicológicos, de onde se segue a prevalência da concepção de que o corpo ocupa posição de segunda plana na estruturação do conhecimento e da mente. Em sintonia com as teorias corporificadas da cognição, e contrariamente a essa tradição majoritária, queremos sustentar que o corpo-propriadamente-dito alicerça e modela nossa mente consciente (HARDCASTLE; STEWART, 2008, p. 26).

Com efeito, uma concepção corporificada de cognição é intuitiva. Ainda que não tenhamos consciência explícita do fato, temos constituído um vocabulário com o fim de explicar o que nos parece ser uma correlação entre estados mentais e estados corporais. Em outras palavras, nossa psicologia popular postula uma correlação não identitária entre estados mentais e estados corporais. Não há obscuridade em relação ao caráter mental da corporeidade, ou, reversamente, ao caráter corporal da mente.

A essa clareza que nossa intuição tem em relação ao sentido corporificado de mente e cognição não está associada uma facilidade especial para sua expressão conceitual. Essa dificuldade se deve, acreditamos, ao fato de que temos sido educados em um paradigma dualista que se alicerçou na compreensão de que mental e físico são dimensões distintas que, ademais, demandam vocabulários distintos<sup>5</sup>. O conflito entre o paradigma no qual a humanidade tem sido educada e nossa clareza em relação a um sentido corporificado de mente e cognição talvez explique porque, nesse quesito, nossa psicologia popular se comprometa com ideias que, embora sejam intuitivamente claras, acabam sendo expressas ou de maneira confusa ou por meio de metáforas. Exemplos comuns são as noções de ‘borboletas no estômago’ e ‘frio na espinha’, para se referir a episódios de ansiedade, e, dentre tantas outras, de ‘psicossomático’, para se referir a essa correlação. A presença de um vocabulário destinado a delinear as relações entre estados mentais e estados corporais sinaliza a intuição de que o corpo tem algo a dizer sobre o funcionamento da mente; em relação ao caráter confuso deste vocabulário, entendemos que isso se deve ou porque ainda somos reféns de um paradigma que não admite que o mental seja também físico, ou porque não temos ainda um conhecimento consolidado de como o corpo modela estados mentais, ou simplesmente porque a psicologia popular não dá conta para açambarcar com propriedade a natureza dessas relações. No entanto, o caráter confuso desse vocabulário também sinaliza que, apesar de os cientistas da mente não serem tolos a ponto de negar que o corpo tem algo a dizer sobre a mente e seu funcionamento, poucos são aqueles que realmente apreendem a ideia de que o corpo é o alicerce da mente consciente, isto é, a tese de que o corpo é ‘parte’ da própria mente (HARDCASTLE; STEWART, 2008, p. 26-27).

Eis a relevância da cognição para o programa de pesquisa das teorias corporificadas da mente e da cognição: a cognição é a chave para desvendar a compreensão do corpo como parte da mente, ou, reversamente, da mente como parte da corporeidade. Que a cognição seja um dos mais importantes pontos de partida do programa de pesquisa das teorias corporificadas da mente e da cognição é fato que se segue das evidências e argumentos em prol da associação entre percepção e ação na estruturação da mente e da cognição.

Mais do que afirmar que a associação entre percepção e ação denota a inextricável associação de mente e corpo, as teorias corporificadas da cognição tendem a sustentar que uma teoria completa de nossos processos cognitivos não pode deixar de incluir a funcionalidade corporal. Mais do que afirmar que mentes estão alojadas em corpos, trata-se

---

<sup>5</sup> Para um diagnóstico completo dessa tradição e de suas lacunas e hiatos explicativos, conferir Searle (1992) e Ryle (1949).

de reconhecer que nossas ações corporais são partes efetivamente integrantes de nossa vida mental (HARDCASTLE; STEWART, 2008, p. 26-27).

Com o intuito de corroborar tais compreensões, Hardcastle e Stewart (2008) lançam mão de dois estudos de caso: o primeiro consiste na análise de um paciente com depressão, e o segundo de um paciente com um problema tratado, em neurologia e em psiquiatria, como um problema de ‘somatização’. Do primeiro estudo, Hardcastle e Stewart (2008, p. 29) chegaram à seguinte constatação: não fosse uma apreciação aprofundada de como a depressão está expressa em nossos corpos, o paciente estudado teria sido diagnosticado com cardiopatia crônica. Daí extraem a seguinte ilação: a cognição é corporificada não apenas porque nossos corpos se movem no espaço, mas porque nossas mentes são indissociáveis partes de nossos corpos; a cognição não é apenas corporificada, mas é plenamente corpo. Do segundo estudo, Hardcastle e Stewart (2008, p. 31) chegaram à seguinte constatação: explicações redutivas, com suas tradicionais metodológicas de decomposição de dados, não se aplicam a todos os casos, incluindo o caso da paciente com somatização. Assim como o caso dos pacientes com depressão, deve-se tomar um paradigma mais holístico e inclusivo para apreciar as complexas conexões entre mente, cérebro e corpo-propriadamente-dito. A ilação geral dos autores é a seguinte: nós não temos mentes e corpos, mas corpos mentais, ou, mais precisamente, mentes corporificadas (HARDCASTLE; STEWART, 2008, p. 31).

As ilações, conclusões e resultados a que chegaram Hardcastle e Stewart (2008) constituem o ponto de partida do projeto teórico que se apresenta em *The embodiedmind*. No lugar de uma visão de cognição como o produto de funções cerebrais que apenas de alguma forma interagem com o corpo, Varela, Thompson e Rosch (1991) chamaram para si a tarefa de constituir um programa de pesquisa o qual, em sintonia com a posição classicamente sustentada por Merleau-Ponty (2002 [1945]), sustenta uma concepção de cognição como resultado das relações de interação e de integração entre cérebro, corpo e ambiente. Nesse sentido, um viés representacionista da cognição dará espaço à compreensão de que a cognição resulta das informações sensorio-motoras que instituem o pano de fundo a partir do qual a mente emerge (FRANCESCONI, 2010, p. 14; MERLEAU-PONTY, 2002 [1945]).

O corpo é o próprio *locus* da cognição: não só a gera como é também sua sede, seu molde. Segue-se daí que, em relação ao projeto reducionista centrado no cérebro como sede de nossas representações do mundo, o programa de pesquisa da cognição corporificada insiste que nossos aparatos somatossensorial e motor não podem ser tratados como meros servos de um córtex pré-frontal processador de representações. Antes, nossos aparatos somatossensoriais e motores são sistemas executivos e representativos, e, em comum, participação das bases da construção de nosso conhecimento da realidade (FRANCESCONI, 2010, p. 14-15; GALLESE, 2006, p. 299-302).

Compartilhando tal compreensão, Nöe (2010) lança mão da noção de que o ser humano ‘está fora’ ou ‘para além’ de sua ‘cabeça’; o mesmo espírito norteia a grande obra de Gallagher (2005), *Howthebodyshapesthemind*, na qual defende que a mente e a cognição emergem das nossas relações corporais (e, portanto, mentais) com o ambiente, e que a experiência vivida é constituída a partir desse processo de emergência (FRANCESCONI, 2010, p. 15).

O programa de pesquisa de Varela, Thompson e Rosch (1991) é marcado pela continuidade em relação à concepção de cognição de Merleau-Ponty (2002 [1945]) de que o pensamento não apenas se refere ao corpo, e tampouco é constituído em diálogo com um corpo que é objeto do mundo exterior; antes, o conhecimento é feito do corpo, ou melhor, do corpo inteiro. Graças a essa vinculação com a concepção fenomenológica de cognição, a teoria corporificada da mente de Varela, Thompson e Rosch (1991) fica marcado pela substituição de um programa de pesquisa centrado no que Chalmers (1996; 2010) chama

‘problemas fáceis’ — isto é, na análise neurocientífica das funções cognitivas, tais como linguagem, memória, aprendizagem, controle motor, visão etc., por um programa de pesquisa centrado no problema difícil da consciência. Sob a influência da fenomenologia, Varela, Thompson e Rosch (1991) propõem redirecionar as ciências cognitivas de uma abordagem exclusivamente centrada na análise e descrição das funções operacionais da mente para uma perspectiva que considere a análise e descrição da experiência fenomenológica dessas mesmas funções, isto é, o conjunto de nossas experiências subjetivas, ou ainda, ao modo como nós nos percebemos — a partir de uma perspectiva de primeira pessoa — no interior de nosso mundo circundante (FRANCESCONI, 2010, p. 15; VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991).

### **O papel da fenomenologia de Merleau-Ponty no programa de pesquisa da mente corporificada de Varela, Thompson e Rosch**

A despeito do caráter interdisciplinar que tanto caracteriza as ciências cognitivas, é verdade que as ciências cognitivas tradicionais se constituem com base em importantes restrições metodológicas e teóricas. Essas delimitações metodológicas e teóricas se devem à convicção dos cientistas cognitivistas de que não podemos deixar de esperar resultados empíricos e/ou corroboráveis de uma legítima ciência da mente ou da cognição. Esta é a razão pela qual as ciências cognitivas tradicionais se debruçam sobre as operações mentais que podem ser equacionadas à luz de abordagens experimentais, matemáticas e/ou computacionais.

A participação de Varela, Thompson e Rosch (1991) no programa de pesquisa da mente (ou cognição) corporificada consistiu primordialmente em desafiar os horizontes teóricos e práticos impostos pelas ciências cognitivas tradicionais. Frente às ciências cognitivas tradicionais, *The embodiedmind* dá origem a um projeto teórico marcado pela tentativa de oferecer os meios necessários para se conceber uma ampliação das fronteiras metodológicas e teóricas das ciências cognitivas. Essa intenção envolve a incorporação da experiência humana e das possibilidades de transformação pessoal que inerem às formas de experiência humana vivida. Esta proposta de ampliação dos horizontes das ciências cognitivas nasce da convicção — partilhada pelos autores de *The embodiedmind* — de que as ciências cognitivas são incompletas porquanto não têm sido capazes de oferecer uma posição sobre o que significa ser uma pessoa humana do ponto de vista de nossas situações vividas e cognitivas, isto é, do ponto de vista da nossa experiência de primeira pessoa. Varela, Thompson e Rosch (1991) acreditam que a possibilidade de um antídoto para essa imprecisa visão congelada e computacional da mente reside na constituição de um modelo de inspiração fenomenológica, o qual tome Merleau-Ponty (2002 [1945]) como inspiração e como guia orientador (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xv).

Da fenomenologia de Merleau-Ponty, o programa de pesquisa da mente corporificada toma de empréstimo a consideração de que nossos corpos devem ser tomados não apenas como estruturas físicas, mas também, e ao mesmo tempo, como estruturas experienciais vividas (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. xvi). Trata-se, essa consideração, de que corpo é, para seu portador, mais que uma estrutura biológica; o corpo também é sentido diretamente e sem intermediação, ou seja, é experienciado a partir de uma perspectiva de primeira pessoa por seu portador. É importante que ressaltemos, com Varela, Thompson e Rosch (1991), que as duas dimensões não são opostas e tampouco concorrentes; essas dimensões não se sobrepõem entre si.

É verdade, por outro lado, que talvez os autores tenham sido imprecisos quando afirmam que essas duas dimensões não são opostas porque continuamente transitamos entre elas. A imprecisão talvez se explique pelo recurso dos autores à noção de *trânsito*, cujo atrelamento a uma dimensão espaço-temporal não abarca o sentido da ideia de que o corpo

é, a um só tempo, e sem exclusão recíproca, uma estrutura física que é experienciada a partir de uma perspectiva de primeira pessoa. Em nós, não há movimento da biologia para fenomenologia porquanto esses dois aspectos são duas dimensões independentes (ainda que co-existent) de sistemas corporais dotados de subjetividade.

De qualquer forma, claro está que o empreendimento de Varela, Thompson e Rosch (1991) consistiu em pensar a possibilidade de as ciências cognitivas redirecionarem seus interesses para o enfrentamento do que Jackendoff (1990) chamou de o problema da mente fenomenológica. De outro modo: trata-se de defender a possibilidade de as ciências cognitivas enfrentarem o chamado *problema difícil da consciência* (CHALMERS, 1996; 2010). O aporte na fenomenologia de Merleau-Ponty (2002 [1945]) foi, reconhecem os autores, a estratégia que permitiu e deu base para tal empreendimento. No âmbito desse redirecionamento das ciências cognitivas estaria envolvida a superação de um paradigma computacional e comportamental em prol de um paradigma ecológico: esse redirecionamento poderia enfim levar as ciências cognitivas a problematizar a percepção subjetiva do mundo e a pensar a ciência da mente como a ciência da experiência; poderia, enfim, levar as ciências cognitivas a se alicerçar em uma indissociável relação sujeito/objeto. Esse redirecionamento das ciências cognitivas se expressaria, ademais, na abertura da ciência da mente a uma concepção que atribui um papel fundamental à experiência subjetiva na construção da cognição e do conhecimento. Tratar-se-ia de um redirecionamento das ciências cognitivas para um modelo de ciência da mente que (i) não negligencie a dimensão de primeira pessoa dos estados mentais, e que (ii) não perca de vista a mente como propriedade emergente de um sistema composto pela inextricável associação entre cérebro, corpo-propriadamente-dito (corpo sem o cérebro) e o ambiente (FRANCESCONI, 2010, p. 13-14).

O projeto de Varela, Thompson e Rosch (1991) consiste, *grasso modo*, em propor um novo modelo de ciências cognitivas, caracterizado, enquanto tal, pela incorporação da abordagem fenomenológica. Mais especificamente, Varela, Thompson e Rosch (1991) propõem levar adiante a tarefa de radicalizar do projeto originário Merleau-Ponty (2002 [1945]), e mais precisamente a intuição que teve em relação ao sentido de dupla corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência.

A radicalização do projeto de Merleau-Ponty (2002 [1945]) é o caminho vislumbrado por Varela, Thompson e Rosch (1991, p. xvii) para subsidiar um modelo de ciência cognitiva capaz de levar em consideração o desafio de incorporar a experiência humana como resultado do estudo científico da mente.

De onde vem a proposta de estabelecer um diálogo entre fenomenologia e ciências cognitivas no interior de um mesmo campo teórico? Em que se baseia esse diálogo? Dito de outro modo: por que razão encontramos tão frequentemente a tese de que Merleau-Ponty é um dos cofundadores das ciências cognitivas (GALLAGHER, 2008; GALLESE, 2006; PETTIT, 2006; SINIGAGLIA, 2009)? Provavelmente, os autores citados como alguns exemplares do reconhecimento da paternidade de Merleau-Ponty em relação às ciências são, nesse sentido, herdeiro do empreendimento de Varela, Thompson e Rosch (1991).

Varela, Thompson e Rosch (1991) veem em Merleau-Ponty (2002 [1945]) um dos poucos filósofos que buscaram a intermediação entre a ciência e a experiência, e entre a experiência e o mundo. Mais do que isso, Merleau-Ponty (1963 [1942]; 2002 [1945]), acreditam Varela, Thompson e Rosch (1991, p. 15) buscou dar conta dessa intermediação a partir de um esforço que corresponde ao que posteriormente se tornou propriedade das ciências cognitivas: foi com esse espírito que buscou argumentar a existência de uma interação e inspiração mútua entre a experiência vivida diretamente, a psicologia e a neurofisiologia. Se tal projeto não foi levado adiante, isso se deve ao fato de as ciências

cognitivas terem se desenvolvido no ambiente positivista e cientificista do ocidente sob a influência dos norte-americanos.

O que Varela, Thompson e Rosch (1991) buscam resgatar é a compreensão desenvolvida pela fenomenologia de que o mundo da vida, ou da experiência, precede a ciência do mundo. A partir do retorno à estrutura essencial da consciência, poderíamos, sustentava Husserl, simpatizar, sem intermediários, com o mundo da vida em sua pureza. Tal compreensão, no entanto, não foi acompanhada do desenvolvimento de um método; mais precisamente, o modo de efetuar a ‘redução fenomenológica’ jamais foi delineado. Varela, Thompson e Rosch aduzem ainda um outro motivo pelo qual a compreensão certa da fenomenologia não foi acompanhada do desenvolvimento de um método mediante o qual nos seria propiciado um encontro sem mediações com a consciência em sua pureza originária: o interesse de Husserl pela experiência e pelas ‘coisas em si’ foi puramente teórico; faltou-lhe uma finalidade ou simplesmente a dimensão pragmática (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. 19).

Portanto, ainda que, com razão, a fenomenologia seja a única filosofia da experiência humana na tradição ocidental, falta-lhe um método para nos conferir o acesso de primeira pessoa que poderia nos propiciar um exame da experiência humana em seus aspectos vividos e imediatos. Como podemos levar a cabo a introspecção na vida cotidiana? É aqui que entra a terceira pessoa da tríade ciências cognitivas – fenomenologia – budismo. São as tradições meditativas budistas da atenção plena que poderão suprir e preencher as lacunas do interesse em transitar entre as ciências cognitivas e a experiência humana.

Por força de espaço, deixaremos essa discussão para uma de nossas próximas produções. Deixaremos para nossas próximas produções explicar os motivos pelos quais a fenomenologia precisa ser completada com o aparato conceitual e pragmático das tradições contemplativas budistas. No restante desse texto, buscaremos explicitar o motivo pelo qual nossos autores insistem na fenomenologia mesmo que sua metodologia não seja suficiente para o exame da experiência humana em seus aspectos vividos e imediatos.

### **Considerações Finais: a mente corporificada e a radicalização do projeto fenomenológico**

Anos após a publicação de *The embodiedmind*, Thompson (2007, p. 13-14) não deixa dúvidas em relação à consistência de seu projeto original: a despeito das limitações da fenomenologia em termos de um método para tornar possível a introspecção sem a intermediação dos símbolos linguísticos — o que já reconhecera ao lado de Varela e Rosch (1991) —, a fenomenologia permanece sendo a única orientação teórica geral que, no âmbito do ocidente, se propõe um encontro com a experiência humana em seus aspectos vividos e imediatos. Qual a relevância da proposta de encontrar a experiência humana? Trata-se da compreensão de Varela, Thompson e Rosch (1991) de que a experiência humana é indispensável para um entendimento profundo da natureza da mente, ou ainda, de que um entendimento profundo da mente não se encerra na descrição de suas operações funcionais. Ora, se é verdade que a experiência é essencial para o entendimento da mente, é também verdade que a experiência demanda uma investigação cuidadosa, e no interior de um paradigma fenomenológico. Este é o motivo pelo qual a abordagem enativista não abre mão da compreensão de que as ciências da mente e as investigações fenomenológicas se complementem na investigação da experiência humana (THOMPSON, 2017, p. 14).

Como pretendemos ter deixado claro acima, a radicalização do projeto fenomenológico por parte do programa de pesquisa da mente ou cognição corporificada repousa na consideração de que um entendimento completo da mente humana não pode

abdicar do caráter propriamente subjetivo da consciência, isto é, de como se experiencia internamente a percepção, as ações e os sentimentos. A compreensão que a fenomenologia acrescenta em relação à importante herança obtida das ciências cognitivas é a de que estados mentais sempre são estados vividos por alguém: não há estado mental para além de um sujeito que o experiencie e lhe imprima significado. A fenomenologia não só reconhece explicitamente o caráter eminentemente vivido de nossos estados como, além disso, se propõe oferecer uma descrição, análise e interpretação cuidadosas da experiência vivida.

Também pretendemos, neste *paper*, ter deixado claro que o projeto de radicalização do programa de pesquisa da fenomenologia por parte dos representantes da abordagem enativista envolve a convicção, por parte dos últimos, de que o recurso à tradição de Husserl e de Merleau-Ponty é o caminho que torna possível promover, no interior das ciências cognitivas, a tese de que o corpo se compreende não apenas como o espaço de nossos mecanismos cognitivos, mas também como a estrutura experiencial de nossas vivências. Pretendemos também demonstrar as relações dessa tese com a ulterior compreensão acerca do duplo sentido de corporificação do conhecimento, da cognição e da experiência. Pretendemos, adicionalmente, enfatizar em que sentido esse duplo sentido de corporificação do conhecimento é a herança da fenomenologia a partir da qual os proponentes do programa de pesquisa das teorias corporificadas da mente (e da cognição) se referem às (i) às duas formas de abordar a mente (ciências cognitivas e experiência humana), (ii) às duas formas de acessar a vida mental humana (a passível de conhecimento mediato e a passível de conhecimento imediato), e (iii) aos dois supostos modos de estruturação da mente (intencional e subjetiva).

Da fenomenologia, em suma, a abordagem corporificada da cognição toma de empréstimo a tese de que o corpo deve ocupar posição de destaque em uma ciência da mente. O corpo, afinal, é sempre um corpo vivido. Se de fato a fenomenologia é a filosofia do corpo vivido (THOMPSON, 2007, p. 16), então é a fenomenologia que deve guiar um programa de pesquisa em ciências cognitivas norteado pela intenção de examinar a subjetividade e a consciência. É a fenomenologia, enfim, que deve fornecer o quadro teórico filosófico capaz de guiar nossos esforços rumo a uma ciência do autoentendimento, conforme pretendiam Varela, Thompson e Rosch (1991). Mais que isso, é a fenomenologia a própria ciência do autoentendimento, já que é por seus métodos e por sua abordagem geral que se poderá estabelecer o trânsito — aspirado pelos autores de *The embodiedmind* — entre as ciências cognitivas e a experiência humana.

### Referências

BRANDIMONTE, Maria; BRUNO, Nicola; COLLINA, Simona. Cognition. In: PAWLIK; Kurt; d'YDEWALLE, Géry (Eds.) *Psychological Concepts: An International Historical Perspective* (pp.11-26). Hove, UK: Psychology Press, 2006.

CHALMERS, David. *The conscious mind: In search of a fundamental theory*. New York, NY: Oxford University Press, 1996.

CHALMERS, David. *The character of consciousness*. New York, NY: Oxford University Press, 2010.

FRANCESCONI, Denis. *The Embodied Mind: Mindfulness Meditation as Experiential Learning in Adult Education*. 2010. 148 p. Thesis (PhD in Psychological And Education Science) – Department of Cognitive and Education Sciences, Faculty of Cognitive Science, University of Trento, Trento-Trentino, 2010.

GALLAGHER, Shaun. *How the Body Shapes the Mind*. Oxford, UK: Clarendon Press, 2005.

GALLAGHER, Shaun. *Brainstorming: views and interviews on the mind*. Exeter, UK: ImprintAcademic, 2008.

GALLESE, Vittorio. (2006). Corpo vivo, simulazione incarnate e intersoggettività. Una prospettiva neuro-fenomenologica. In BERTOSSA, Franco; CAPPUCCIO, Massimiliano (Eds.). *Neurofenomenologia: Le scienze della mente e la sfida dell'esperienza cosciente* (pp. 293-327). Milano, LOM: Bruno Mondadori, 2006.

HARDCASTLE, Valerie Gray; STEWART, Rosalyn W. Reduction and Embodied Cognition:

Perspectives from Medicine and Psychiatry. In: HOHWY, Jakob; KALLESTRUP, Jesper (Eds.). *Being Reduced: New Essays on Reduction, Explanation, and Causation* (pp. 20-33). Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

JACKENDOFF, Ray. *Consciousness and the computational mind* (Explorations in Cognitive Science Series). Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

LEGRAND, Dorothée. Phenomenological dimensions of bodily self-consciousness In: Shaun GALLAGHER (ed.). *The Oxford Handbook of the Self* (p. 204-227). Oxford, UK: Oxford University Press, 2011.

Merleau-Ponty, Maurice. The structure of behavior. Pittsburg, PN: Duquesne University Press, 1963. [Original de 1942].

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. New York, NY: Routledge, 2012. [Original de 1945].

NÖE, Alva. *Out of Our Heads: why you are not your brain, and other lessons from the biology of consciousness*. New York, NY: Hill & Wang (Farrar, Straus and Giroux), 2009.

PETIT, Jean-Luc. La spazialità originaria del corpo proprio: Fenomenologia e neuroscienze. In: BERTOSSA, Franco; CAPPUCCIO, Massimiliano (Eds.). *Neurofenomenologia: Le scienze della mente e la sfida dell'esperienza cosciente* (pp. 163-194). Milano, LOM: Bruno Mondadori, 2006.

RYLE, Gilbert. *The Concept of Mind*. London: Hutchinson & Company, 1949.

SEARLE, John. *The Rediscovery of Mind: Representation and Mind*. Cambridge, MA: Bradford Book, 1992.

SINIGAGLIA, Corrado. Mirror in action. *Journal of Consciousness Studies*, v. 16, n. 6-8, p. 309-334, 2009.

THOMPSON, Evan. *Mind in life: biology, phenomenology, and the Sciences of the mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

THOMPSON, Evan. The Embodied Mind: An interview with philosopher Evan Thompson [fall 2014]. Linda Heuman. *Tricycle Magazine: Buddhist Wisdom to Live By*, New York, fall 2014. Magazine online.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *The embodied mind: Cognitive science and human experience*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *The embodied mind: Cognitive science and human experience*. 2nd ed. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.

WILSON, Robert; FOGLIA, Lucia. Embodied Cognition. In: ZALTA, Edward. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. dez. 2017. Disponível em:

<<https://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/embodied-cognition/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.